

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL

SARAH LETICIA DE ARRUDA PERALTA

A FEMINIZAÇÃO DA PSICOLOGIA NO BRASIL

Uma revisão da produção científica nacional

CORUMBÁ

2025

SARAH LETICIA DE ARRUDA PERALTA

A FEMINIZAÇÃO DA PSICOLOGIA NO BRASIL

Uma revisão da produção científica nacional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Psicologia da UFMS/CPAN, como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel em
Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dra. Vanessa Catherina Neumann
Figueiredo

CORUMBÁ

2025

A FEMINIZAÇÃO DA PSICOLOGIA NO BRASIL

Uma revisão da produção científica nacional

Prof^a. Dra. Vanessa Catherina Neumann Figueiredo
(Orientadora)

Prof. Dr. Ilidio Roda Neves
(Membro interno convidado)

Prof^a. Dra. Vivian da Veiga Silva
(Membro interno convidado)

Corumbá

2025

AGRADECIMENTOS

Esta caminhada foi intensa e transformadora. O período do curso foi mais que formação acadêmica, foi uma jornada de sensibilidade e amadurecimento. Vivi desafios e dúvidas, mas com superação aprendi que cada dificuldade é um convite a crescer.

Hoje ao olhar para minha caminhada, sinto profunda gratidão e alegria por ter chegado até aqui. Cada semestre, cada aula, cada apresentação e cada aprendizado me trouxeram até este momento, em que posso respirar aliviada e orgulhosa pela mulher e profissional que me tornei. Estar vivendo esse momento é sentir que todo esforço valeu a pena.

Agradeço, a Deus primeiramente, por orientar meus passos, renovar as minhas energias e me dar forças para continuar quando pensei em desistir.

À minha família, especialmente minha mãe e meu noivo, que mesmo não sendo inseridos no universo acadêmico, jamais deixaram de acreditar no meu potencial e fizeram entender a importância da minha jornada. Foram eles que com amor, paciência e força, me sustentaram nos momentos de incerteza e me lembraram da importância de persistir. Este apoio foi fundamental para que eu permanecesse firme até o momento.

À Vanessa, minha orientadora, pela escuta sensível, pela paciência e por acreditar em mim, com sabedoria e dedicação.

Aos professores do curso, por cada ensinamento e incentivo, que despertaram em mim um olhar ético, empático e crítico da psicologia. De modo especial, agradeço ao professor Ilídio, que em meio às exigências e a rigidez, jamais deixou de me incentivar. Ainda que, em primeiro momento, eu não compreendesse suas cobranças, ele foi capaz de enxergar uma capacidade em mim, que até então, eu mesma desconhecia.

Aos colegas e amigos, por tornarem a jornada mais leve e significativa. Despeço-me com o coração apertado, pois muitos seguem caminhos distantes, mas cada convivência, conversa e troca foi essencial para construção do meu eu.

Concluir essa etapa é mais que realizar um sonho, é reconhecer o valor de cada esforço e a beleza de persistir. Levo comigo não apenas o diploma, mas a certeza de que cada passo fez de mim alguém mais forte, mais sensível e mais feliz.

“Liberta-te pouco a pouco da tua própria desesperança,
e não te esqueças de ser feliz.”

(Cecília Meireles)

RESUMO

Este estudo reflete sobre a feminização da Psicologia no Brasil, buscando compreender de que forma a produção científica nacional tem discutido as relações de gênero e a divisão sexual do trabalho dentro da profissão. Trata-se de uma revisão de escopo desenvolvida conforme as diretrizes do Joanna Briggs Institute (JBI) e do PRISMA, com buscas realizadas nas bases SciELO, PePsic, LILACS e BVS. Após a triagem e análise dos materiais, oito estudos compuseram a amostra final. Os resultados apontam que, embora a presença feminina seja expressiva e historicamente consolidada na Psicologia, essa maioria não se traduz em igualdade de oportunidades, reconhecimento social ou valorização econômica. As publicações analisadas evidenciam que o exercício profissional das psicólogas ainda é atravessado por estereótipos que associam o cuidado e a sensibilidade como atributos "naturais" do feminino, sustentando desigualdades simbólicas e estruturais. Tais achados indicam que a feminização da Psicologia é mais do que um dado estatístico: trata-se de um fenômeno social e político que reflete as hierarquias de gênero e os desafios para a construção de uma prática profissional mais justa e equitativa.

Palavras-chave: Feminização; Psicologia; Gênero; Divisão sexual do trabalho; Desigualdade.

ABSTRACT

This study reflects on the feminization of Psychology in Brazil, seeking to understand how national scientific production has discussed gender relations and the sexual division of labor within the profession. This is a scope review developed according to the guidelines of the Joanna Briggs Institute (JBI) and PRISMA, with searches carried out in the SciELO, PePsic, LILACS and BVS databases. After the screening and analysis of the materials, eight studies made up the final sample. The outcomes point out that, although the female presence is expressive and historically consolidated in Psychology, this majority does not mean equal opportunities, social recognition or economic appreciation. The published works analyzed show the professional practice of psychologists is still crossed by stereotypes that relates care and sensibility as "natural" attributes of the feminine, supporting symbolic and structural inequalities. Such findings indicate that the feminization of Psychology is more than a statistical data: it is a social and political phenomenon that reflects gender hierarchies and the challenges for the construction of a fairer and more equitable professional practice.

Keywords: Feminization; Psychology; Gender; Sexual division of labor

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
MÉTODO	10
RESULTADOS	13
DISCUSSÃO	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido a partir da reflexão sobre o lugar das mulheres no mercado de trabalho, especificamente na psicologia, considerada aqui uma profissão de cuidado, pois tem como propósito promover a saúde e o bem-estar psíquico de pessoas em clínicas, instituições públicas e privadas, hospitalares, escolas e crises humanitárias, por meio de apoio emocional, da escuta qualificada e da intervenção em transtornos mentais, emocionais e comportamentais.

No Brasil, a psicologia se configura, predominantemente, como uma área de atuação feminina. De acordo com o Censo Psi, realizado pelo Conselho Federal de Psicologia (2022), no ano de 2022, foram registradas 428.791 psicólogas inscritas em 23 regionais, observando-se uma prevalência feminina de profissionais em todo país, sendo 79,2% do total, enquanto os homens representam 20,1% do universo da categoria. Essa notável desproporção não é um fenômeno isolado, mas um reflexo da feminização da profissão, um conceito que deve ser aprofundado para que se compreenda as origens e impactos na prática profissional.

A feminização, segundo Yannoulas (2011), refere-se às transformações sofridas por determinada ocupação da força de trabalho feminina em determinadas profissões devido à imagem simbólica do trabalho realizado por mulheres. Esse processo é responsável pelo significado social da profissão, e está associado à características historicamente ligadas ao gênero feminino, destacando-se a função do cuidado, que se torna base simbólica da construção da psicologia.

O cuidado, estabelecido como elemento estrutural da construção do feminino, é socialmente construído e naturalizado. Essa naturalização transforma atributos como sensibilidade, empatia e subjetividade em competências “inatas” da mulher, atribuindo-lhes uma obrigação moral por essa atenção (Renk; Buziquia;Bordini, 2020).

Enquanto as mulheres, desde a tenra infância, recebem as responsabilidades por cuidados de casa e maternagem, através de brincadeiras com bonecas, aos homens é delegada a atribuição de prover financeiramente o lar. As mulheres são socializadas para internalização do cuidado, sensibilidade e cooperação, enquanto os homens são conduzidos, majoritariamente, a tomar decisões de carreira mais influenciadas por oportunidades de mercado e modelos de sucesso (Lima *et al.*, 2017; Carvalho *et al.*, 2008).

Ao longo da história, o campo da psicologia foi sendo constituído como ofício feminino, idealizada como gesto de amor e compaixão, marcado pelo mesmo ideal de cuidado que socialmente costuma ser reservado às mulheres. Bastos, Oliveira e Soares (2022) confirmam essa tendência, demonstrando que as áreas mais atuantes da psicologia são ligadas ao cuidado e à intervenção interpessoal (Clínica- 73,1%; Social- 20,1%; Saúde- 19,0% e Docência- 18,3%), indicando que a adesão a áreas reflete o delineamento social de uma vocação de cuidado, tida como “inata” ao gênero feminino.

À medida que a profissão se enquadra simbolicamente na esfera do cuidado, entendida como a extensão das funções maternas e domésticas, sofre de uma sistemática subvalorização social e econômica, decorrente da associação da ocupação com o cuidado “inato” das mulheres, contrastando com as qualificações do homem no espaço público (Cardoso; Salvaro, 2024; Souza; Oliveira; Gradvoohl, 2017). Cohen e Wolkowitz (2018) afirmam que, à medida que as mulheres foram ocupando espaço no mercado de trabalho, os cargos associados ao trabalho doméstico e materno perderam valor social e econômico.

A subvalorização do trabalho feminino, dentro da psicologia, é explicitada por CFP (2022), o qual indica que 85,3% das mulheres possuem renda abaixo de 10 salários mínimos. Neste contexto torna-se essencial a investigação do fenômeno, de feminização da profissão, e a maneira como se manifesta no âmbito da produção de conhecimento, onde as dinâmicas de poder e construções de gênero podem ser ainda mais sutis.

A questão norteadora deste estudo é esta: Como se apresentam as evidências sobre o fenômeno da feminização na produção científica da psicologia no Brasil, no que se refere à divisão sexual do trabalho e às construções sociais de gênero? O estudo se justifica pela centralidade da questão de gênero e divisão sexual do trabalho para a compreensão do campo da psicologia, e pela escassez de revisões de escopo que analisam essa perspectiva nas produções científicas nacionais.

Com base nessa premissa, o objetivo desta pesquisa é mapear e sistematizar as principais evidências e concepções críticas presentes na literatura científica brasileira da psicologia sobre a feminização, focando na análise da divisão sexual do trabalho e nas construções sociais de gênero e identidade profissional.

Como apontado por Ataide e Nunes (2016):

Mulheres e homens têm a sua identidade construída socialmente, em decorrência do contexto vivido e da forma como o mundo lhes foi apresentado pela família, escola, comunidade, enfim, pelos grupos sociais sob o prisma da cultura de exploração e machismo dominante (p. 169).

A compreensão da construção do espaço social para as mulheres, mais expressivo e afetivo, e para os homens, instrumental e produtivo, aponta para um mecanismo social de diferenciação e hierarquização dos sujeitos, situação cultural que limita as expectativas e motivações femininas no que se refere ao seu desempenho e construção de sentido na vida adulta (Rosemberg, 1984). São as relações de gênero que permitem transferir o debate do determinismo biológico que naturaliza o que é ser mulher, para uma crítica desse lugar de vida e de trabalho constituído social e politicamente para homens e mulheres.

Para Saffioti (2015), o gênero se constitui como uma construção social e histórica, não se reduz ao aspecto biológico, todavia demonstra um sistema simbólico que delimita papéis, expectativas e comportamentos distintos de gênero. A autora comprehende o gênero como estruturado pelo patriarcado,

produzindo e reproduzindo hierarquias que dão privilégio aos homens e organizam desigualdades na esfera pública e privada. Além disso, ainda afirma que as desigualdades de gênero não são isoladas, mas articulam-se com a classe e raça, configurando um tríplice sistema de opressões que moldam a experiência social dos indivíduos.

Conforme Louro (1997), o debate sobre a distinção entre sexo e gênero torna-se central para compreender as desigualdades no mundo do trabalho como sociais e históricas. As relações de gênero são construídas através dos discursos e práticas educacionais e de socialização que permeiam laços sociais e instituições, delineando formas de inserção diferenciadas no mundo do trabalho. Okin (2010) acrescenta que as “culturas” e as “tradições” podem estabelecer um controle sobre as mulheres, na medida em que definem padrões comportamentais a serem seguidos. Na cultura ocidental se presume que as mulheres cumpram o papel doméstico e de cuidado, ainda que não sejam remuneradas e/ou desempenhem outras atividades laborais fora de casa.

Kergoat (2003) define a divisão sexual do trabalho como as atividades que são socialmente distribuídas entre homens e mulheres. Essa divisão é marcada por dois princípios organizadores, o princípio da separação, este estabelece uma distinção entre trabalhos “de homem” e “de mulher”. Conforme Alves *et al.* (2019), com a consolidação do capitalismo como sistema econômico, a divisão sexual do trabalho destinou a esfera privada à mulher, deixando-a com os cuidados e subjetividade, enquanto a esfera pública ficou com o homem, o espaço da liberdade, razão e direito.

Marcondes (2013) contribui ao conceituar o cuidado como uma prática definida socialmente, ancorada na divisão sexual do trabalho, que de maneira histórica e ideológica é associada às mulheres. A autora ainda, com suporte teórico de Batthyány (2009) e Bandeira (2009), traz o cuidado e a feminilidade como interligadas, além de serem manifestadas no âmbito laboral, pois as ocupações majoritariamente femininas são aquelas que envolvem o cuidado.

O segundo princípio discutido por Kergoat (2003), o da hierarquização, demonstra que o trabalho masculino “vale” mais que o feminino, ou seja, independente da complexidade ou importância, o trabalho historicamente atribuído aos homens possui maior valor social (Kergoat, 2009). A lógica separação/hierarquização, atua como um molde, informando e estruturando diferentes formas de opressão social. Siqueira (2024) afirma que um dos vieses utilizados para justificar a desigualdade salarial se constitui pela concepção de que a figura masculina está posta como o provedor, único e totalitário, do lar.

Para Hirata e Kergoat (2007), a divisão sexual do trabalho reproduz hierarquias simbólicas e materiais que mantêm as mulheres em posições de menor reconhecimento social e econômico. Tal situação pode ser vista nos dados de emprego de mulheres no Brasil, em 2019, os quais reportam que elas receberam entre 61,9% e 63,6% do rendimento dos homens, em cargos de maiores salários, como de direção, gerência e profissionais das ciências e intelectuais; ainda que as mulheres demonstrem nível de instrução maior,

com 19,4% mulheres de 25 anos ou mais, tendo ensino superior completo, ao passo que os homens registram 15,1%. Além disso, no Brasil apenas 14,8% das mulheres exercem mandato de parlamentar na câmara de deputados, ficando no ano de 2019 em 142^a posição no *ranking* de 190 países no que tange à participação política feminina (IBGE, 2021).

Santos e Cerqueira-Santos (2020) apontam que a escolha profissional das mulheres é influenciada pelo modo como a socialização de gênero molda as expectativas profissionais femininas, as quais elegem, em maior proporção, por profissões com maior carga simbólica de cuidado, assistência e secundárias às masculinas. Aprofundando a análise referente à escolha profissional, CPF (2022) divide os fatores de escolha profissional em dois blocos. Os fatores internos envolvem as motivações pessoais, tais como o desejo de ajudar, o autoconhecimento e a afinidade de cuidar do ser humano, estímulos historicamente alinhados ao papel social atribuído ao feminino. Já os fatores externos estão ligados a aspectos de mercado, como oportunidades de carreira, prestígio social e remuneração. Os autores analisaram a partir do gênero, que homens e não-binários são influenciados por fatores externos, enquanto que as mulheres escolhem de acordo com as influências internas, distinção que indica que a diferente socialização conforme o gênero influencia no processo de tomada de decisão quanto à escolha de profissão, sendo necessários mais estudos sobre o tema, já que tal condição consolida o campo de atuação da psicologia brasileira como um lugar de maior presença do gênero feminino.

2. MÉTODO

2.1. TIPO DE ESTUDO

Este estudo adota o delineamento metodológico de revisão de escopo (*scoping review*), que de acordo com Cordeiro e Soares (2019) se caracteriza por ser uma abordagem robusta para mapear e sintetizar a extensão e a natureza da literatura científica em uma determinada área.

Em alinhamento com as diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses (PRISMA)*, este tipo de revisão é particularmente adequado para tópicos amplos e áreas de conhecimento emergentes, visando reunir os mais diversos desenhos de estudos.

A finalidade primordial deste estudo é identificar, categorizar e mapear as evidências e lacunas do conhecimento existentes na literatura científica sobre a “feminização da psicologia”. Ao proceder com esta abordagem, busca-se oferecer uma visão abrangente e detalhada que possa orientar pesquisas futuras.

A partir da recomendação metodológica do *Joanna Briggs Institute (JBI)* (Peters *et al.*, 2020), juntamente com as diretrizes do *PRISMA*, foram *estabelecidas*, portanto, cinco etapas: 1. Identificação da questão a partir do recurso mnemotécnico PCC (População/ Conceito/ Contexto); 2. Critérios de inclusão; 3. Estratégia de pesquisa; 4. Extração de dados; 5. Sistematização e apresentação dos resultados.

2.2 QUESTÃO DA PESQUISA

Para a construção da questão da pesquisa, foi utilizado o recurso mnemotécnico PCC (População, Conceito e Contexto): P-Psicologia; C-Feminização; C: Brasil; sendo delimitada a pergunta: Como se apresentam as evidências sobre o fenômeno da feminização na produção científica da psicologia no Brasil, no que se refere à divisão sexual do trabalho e às construções sociais de gênero?

2.3. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: artigos científicos publicados em periódicos, disponíveis na íntegra, que analisem o fenômeno da feminização da psicologia no contexto brasileiro, com foco na divisão do trabalho e nas construções sociais de gênero, escritos em português. Foram excluídos os estudos que não abordaram a feminização da profissão como tema central de investigação; que não apresentavam estudos no contexto brasileiro, e que não fossem escritos por profissionais da área.

2.4. ESTRATÉGIA DE PESQUISA

Foram realizadas duas buscas por artigos. A primeira, nos meses de agosto e setembro de 2025, foi realizada nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, periódicos em Psicologia (PePsic) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Optou-se por não incluir literatura cinzenta (como teses, dissertações e anais de congressos), visto que o objetivo era mapear a produção já consolidada e arbitrada por pares disponíveis nos periódicos científicos.

A estratégia de busca foi fundamentada nos elementos da questão da pesquisa, utilizando o mnemônico PCC (População: Psicologia; Conceito: Feminização; Contexto: Brasil). Para tal intuito, foram combinadas palavras chave pertinentes, articuladas por meio dos operadores booleanos *AND* e *OR*. O operador *OR* foi utilizado para agrupar termos sinônimos ou correlatos dentro de um mesmo eixo conceitual, ampliando a sensibilidade da busca. O operador *AND* foi empregado para realizar a interseção entre diferentes eixos, assegurando que os artigos recuperados abordassem simultaneamente todos os aspectos centrais da questão da pesquisa.

O *string* de busca final, da primeira busca, aplicado de maneira uniforme nas duas bases de dados para garantir consistência metodológica, foi estruturado da seguinte forma: (feminização) *OR* (gênero) *OR* (mulher) *AND* (divisão sexual do trabalho) *OR* (escolha profissional) *OR* (profissão) *AND* (psicologia). Neste primeiro *string*, todos os descritores, se caracterizavam como termos alternativos (TA) dos apresentados no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde), a única exceção foi o termo “feminização” caracterizado como termo livre (TL).

O termo “feminização” é descrito no DeCS como “Desenvolvimento de CARACTERES SEXUAIS secundários femininos no macho, que se deve aos efeitos de metabólitos estrogênicos”. Estes são precursores de origem endógena ou exógena como as GLÂNDULAS SUPRARRENAIS ou de drogas terapêuticas”; contudo, a partir de uma pesquisa exploratória, foi possível identificar que ao não incluir esse termo a pesquisa se afasta consideravelmente do objetivo e estudos se perdem, portanto para que seja

explorado o maior número possível de estudos, optou-se por incluir este termo. Assim, a escolha por incluir esse TL baseia-se na conceituação feita por Yannoulas (2011) e em sua aplicação por Crispim (2016), na qual a feminização assume um significado fundamentalmente qualitativo, referindo-se às transformações de significados, valor social e prestígio de uma ocupação, a partir do aumento quantitativo de mulheres.

A realização da segunda busca por artigos, no mês de outubro de 2025, concentrou-se nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Assim, como na primeira busca, optou-se por não incluir literatura cinzenta. A construção da estratégia de busca foi fundamentada nos elementos da questão da pesquisa, para tal também foram combinadas palavras chave pertinentes, articuladas por meio dos operadores booleanos *AND* e *OR*.

O string de busca final, desta segunda busca, foi estruturado da seguinte forma: “mulheres trabalhadoras” *OR* “perspectiva de gênero” *AND* “divisão do trabalho baseado em gênero” *OR* “psicologia”. Optou-se nesta segunda busca, a utilização exata dos descritores, assim como estavam apresentados no DeCS.

2.5. EXTRAÇÃO DOS RESULTADOS

Os estudos foram pré-selecionados a partir dos títulos e resumos, em seguida procedeu-se à leitura na íntegra das produções. Para a triagem em duas etapas recorri ao software Rayyan para tomada de decisão na fase de triagem, além de ser a principal ferramenta para articulação dos artigos incluídos e excluídos.

Na etapa de extração de dados, o programa Planilhas, do Google, possibilitou a organização das informações, como: título, autoria, local de publicação, ano de publicação, idioma, metodologia, objetivo e concepção de gênero e/ou trabalho apresentado em cada estudo.

Para identificar como se apresentam as evidências sobre o fenômeno da feminização na produção científica da psicologia no Brasil, no que se refere à divisão sexual do trabalho e às construções sociais de gênero, foi adaptado o instrumento de extração de dados recomendados pelo *Joanna Briggs Institute (JBI)* (Peters *et al.*, 2020), com a inclusão de questões-chave, elaboradas a partir das dimensões de gênero, divisão sexual do trabalho e crítica ao estereótipo: 1- O estudo aponta o gênero de forma crítica? 2- O artigo analisa o campo da psicologia em termos de divisão sexual do trabalho? 3- O texto analisa, direta ou indiretamente, o estereótipo de “cuidadora natural”? 4- O artigo aponta a feminização da psicologia como um fenômeno político e estrutural? A análise visou categorizar a perspectiva adotada pelos estudos incluídos, e não determinar sua inclusão ou exclusão com base na postura crítica.

A categorização dos estudos se deu em dois grupos: categoria crítica e contestatória, atribuindo as produções que apresentaram uma perspectiva teórica aprofundada e crítica, respondendo pelo menos uma das questões 1, 2 e 4. Por outra maneira, a classificação categoria reprodução foi destinada às produções que apenas apresentam o fenômeno, incluindo estudos que respondem afirmativamente à questão 3, ou se limitaram à descrição empírica das desigualdades, sem a análise crítica e/ou teórica das dimensões de

gênero e da divisão sexual do trabalho. Deve ser acrescentado que, a extração de dados e categorização foram aplicadas de maneira rígida em ambas as buscas.

2.6. ANÁLISE DOS DADOS

Na sistematização dos estudos, foi realizada uma análise de conteúdo dos artigos extraiendo as respectivas categorias. Para isso, foi feita a leitura dos conteúdos na íntegra, inicialmente, destacando trechos relevantes para investigação, no que trata da crítica ou descrição do fenômeno da feminização da psicologia, na produção científica.

Foi realizada a unificação sistemática das amostras finais de estudos elegíveis resultantes de cada estratégia de busca. Para fins de transparência metodológica, os processos de triagem e elegibilidade das buscas foram apresentados individualmente através de seus respectivos fluxogramas *PRISMA* (Figuras 1 e 2).

As amostras finais de estudo foram cruzadas para identificar e excluir duplicatas; após a eliminação dos artigos repetidos, a amostra consolidada para a etapa da síntese foi estabelecida por estudos únicos. Estes estudos constituíram o *corpus* final da análise, que foi submetido à análise de conteúdo temática (Bardin, 2016). Este método foi utilizado para realizar a exploração do material e tratamento dos resultados, permitindo uma categorização da análise.

A apresentação dos resultados foi realizada por meio de dois quadros de sistematização, o primeiro destinado à caracterização dos estudos (Título, Autoria, Local e Ano de publicação, Região da publicação, Metodologia e Objetivos) e o segundo, organizando os textos em 4 eixos temáticos: Evidências e Perfil da Feminização, Construções Sociais de Gênero, Vivências da Divisão Sexual do Trabalho e Abordagens Teóricas; cada um com o uso de trechos relevantes que sustentam a definição.

Com a intenção de garantir maior fluidez, clareza e uniformidade na apresentação dos resultados para o desenvolvimento da discussão, adotou-se a estratégia de identificar os textos mediante numeração sequencial juntamente com a letra “E”, em referência à palavra “estudo”. Essa escolha metodológica visa facilitar a leitura e correlação entre os argumentos e suas respectivas fontes. Dessa maneira cada artigo foi apresentado como E1, E2, E3... e assim sucessivamente.

3. RESULTADOS

Foram encontrados, na primeira busca, 567 estudos, que, após a remoção dos duplicados ($n=269$), resultaram em 298 trabalhos. Na primeira etapa de triagem, através da leitura de título e resumo, foram excluídos 167 artigos. Na segunda etapa, 131 estudos foram lidos na íntegra e excluídos 123 artigos, pelos seguintes critérios: Não possui a profissão como objeto de estudo ($n = 70$); Estudo voltado a comunidade LGBTQIAPN+ ($n = 26$) e Não aborda a feminização da profissão ($n = 28$). A amostra final foi composta de 7 estudos. A figura 1 apresenta o fluxograma PRISMA da presente busca.

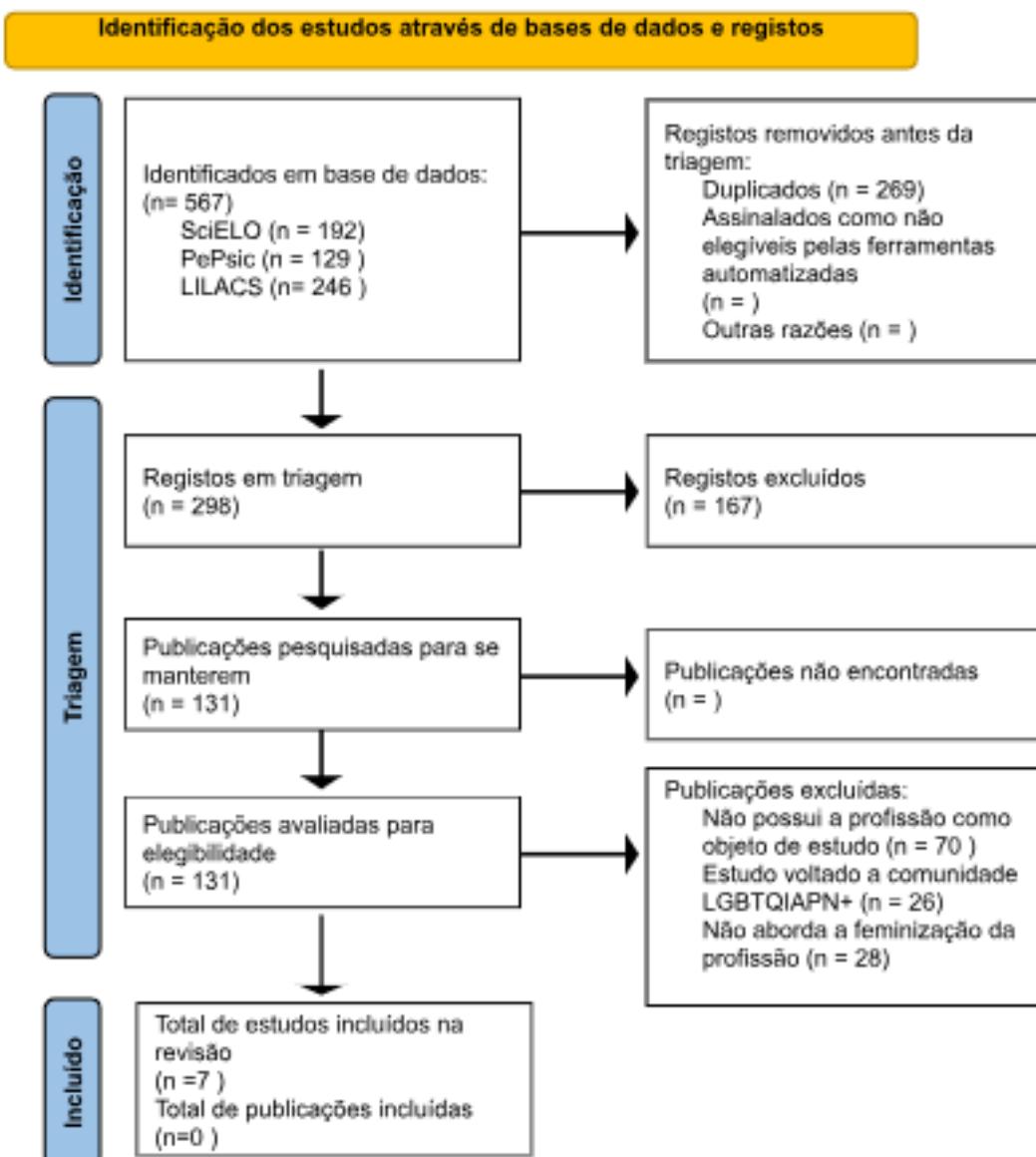


Figura 1 – Fluxograma PRISMA de primeira seleção dos estudos.

Foram encontrados, na segunda busca, 434 estudos, que, após a remoção dos duplicados ($n=76$), resultaram 358. Na primeira etapa de triagem, através da leitura de título e resumo, foram excluídos 341 artigos. Na segunda etapa, 17 estudos foram lidos na íntegra e excluídos 12 artigos, pelos seguintes critérios: a publicação não possuía a profissão (psicologia) como objeto de estudo ($n= 3$); análise de produção de estudo em gênero ($n= 5$); e publicações que não abordaram o fenômeno da feminização da profissão ($n= 3$). A amostra final foi composta de 5 estudos. A figura 2 apresenta o fluxograma PRISMA da presente busca.

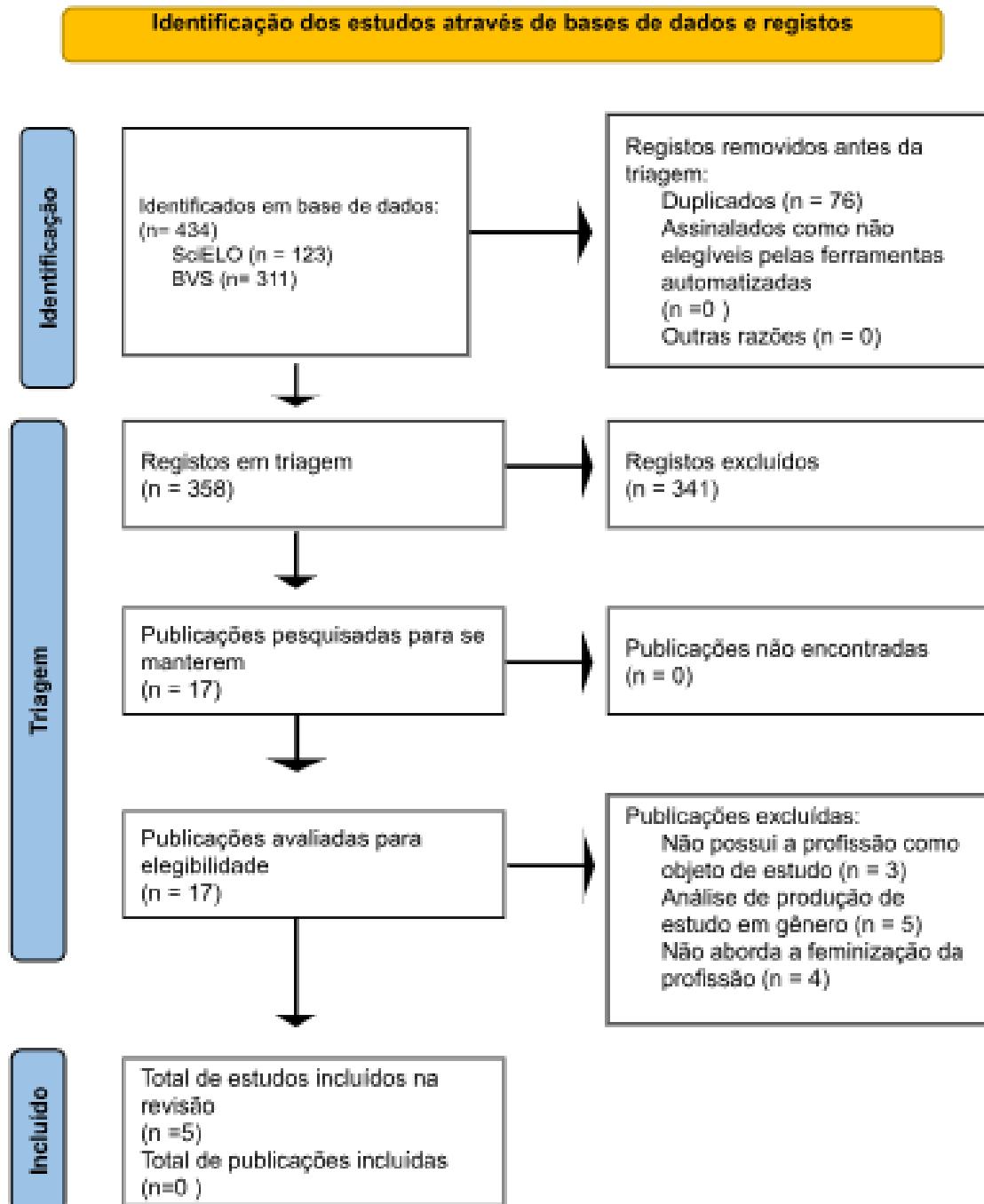


Figura 2 – Fluxograma PRISMA de segunda seleção dos estudos.

Após a conclusão do processo de triagem e elegibilidade individual para cada estratégia de busca, conforme detalhado e ilustrado nos respectivos fluxogramas *PRISMA* (Figuras 1 e 2), a etapa final foi a unificação da amostra elegível das duas buscas para identificação e exclusão de duplicatas remanescentes. A primeira busca resultou seleção final de 7 estudos para análise, e a segunda busca gerou 5 estudos elegíveis; ao cruzar as amostras, identificou-se que 4 dos 5 textos provenientes da segunda busca, já estavam na amostra final da primeira busca. A partir de uma deduplicação rigorosa, esses 4 textos foram

excluídos como duplicatas, resultando uma amostra consolidada de 8 estudos para a síntese de dados, composta de 7 artigos (primeira busca) junto com 1 artigo (segunda busca).

Quanto à metodologia, observa-se a predominância de estudos quantitativos (n=3, 37,5%), embora haja uma distribuição relativamente equilibrada com metodologias qualitativas (n= 2, 25%), mistas (n= 1, 12,5%) e de revisão teórica (n= 2, 25%). Relacionado à temporalidade, a produção pode ser considerada recente, com 25% (n=2) dos estudos publicados no ano de 2021, num panorama cronológico, a publicação mais antiga é de 1998 e a mais recente em 2024.

Tratando-se da localização geográfica, 87,5% (n=7) dos artigos foram publicados no Brasil, em diferentes regiões, com concentração maior nos estados de Minas Gerais (n=2, 25%) e Rio Grande do Norte (n=2, 25%); apenas 12,5% (n=1) dos artigos foram escritos em outra localidade, que não o Brasil. Ainda que nos critérios de inclusão e exclusão tratem da obrigatoriedade de estudos brasileiros, optou-se por incluir este estudo por dois critérios: o primeiro é o idioma da publicação, neste caso o português, e o segundo, referente ao público-alvo da pesquisa, os profissionais de psicologia do Brasil.

Referente à análise dos autores, existe uma predominância do gênero feminino, representando 70,3% (n= 19), ao passo que os autores homens contabilizam 29,6% (n=8); esse dado reflete a própria temática dos estudos. O corpo de autores (as) é altamente qualificado, com doutorado (n=17, 62,9%) e pós-doutorado (n= 3, 11,1%), além da presença de 14,8% (n= 4) de autores (as) mestres (as) e outros (n= 3, 11,1%), podendo representar estudantes de graduação ou especialização no período da publicação.

No que tange ao vínculo institucional, 59,2% (n=16) dos (as) autores (as) possuem vínculo em instituições públicas, enquanto 40,7% (n=11) estão vinculados (as) a instituições privadas.

Cód.	Título	Autoria	Periódico e Ano de Publicação	Região da publicação	Metodologia	Objetivos
E1	Trabalho e Cotidiano de Mulheres Bolsistas PQ/CNPq da Psicologia	Cunha; Dimenstein; Dantas	Revista Psicologia: Organizações & Trabalho, 2021	Nordeste Rio Grande do Norte, Brasil	Estudo misto (Quali-Quantitativo)	Conhecer as repercussões das exigências do trabalho científico no cotidiano de bolsistas PQ/CNPq da Psicologia.
E2	A representação social da psicóloga gestora pública	Hedler; Faleiros; Alonso; Santos	Psicologia & Sociedade, 2018	Sudeste Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil	Pesquisa qualitativa.	Identificar as representações sociais da profissão e atuação de psicólogas gestoras em políticas de proteção social em Brasília.
E3	Da psicologia como profissão feminina à psicologia feminista: criando novos modos e novas epistemologias a partir do feminismo negro	Oliveira; Barros; Santos; Penna; Veiga	Pesquisas e Práticas Psicosociais, 2021	Sudeste, Rio de Janeiro, Niterói, Brasil	Pesquisa bibliográfica	Analizar a psicologia como profissão feminina a partir do feminismo negro radical, ropondo uma leitura que considere a interseccionalidade entre raça, gênero e classe.
E4	Evidência psicométrica da estrutura fatorial do sexismo ambivalente em profissionais de psicologia do Brasil	Gaspodini; Formiga; Falcke	Actualidades en Psicología, 2019	Costa Rica	Pesquisa quantitativa	Avaliar a estrutura fatorial do sexismo ambivalente em uma amostra de psicólogos (as) no Brasil.
E5	Psicologia: profissão feminina? A visão dos estudantes de psicologia	Figuerêdo; Cruz	Estudos Feministas, 2017	Florianópolis (SC), Brasil	Pesquisa qualitativa	Compreender os sentidos que os estudantes de psicologia associam à noção de que a psicologia é uma profissão "feminina".
E6	Perfil dos psicólogos inscritos na subsede leste do CRP-04	Santos; Monteiro; Torres; Sousa; Coelho	Psicologia Ciência E Profissão, 2014	Governador Valadares (MG), Brasil	Estudo quantitativo e comparativo.	Fazer um levantamento do perfil profissional dos psicólogos inscritos na Subsede Leste do CRP-04.
E7	A psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo	Castro; Yamamoto	Estudos de Psicologia, 1998	Rio Grande do Norte, Brasil	Pesquisa quantitativa e descritiva	Introduzir a questão do gênero na conformação da psicologia norte-rio-grandense.
E8	Mulheridades em projetos de extensão na psicologia	Spaziani; Imbrizi; Domingues	Psicologia: Ciência e Profissão, 2024	Brasília, (DF), Brasil	Estudo Misto (Revisão Sistemática e Relato de Experiência)	Apresentar três experiências extensionistas para contribuir com reflexões sobre a produção teórica em psicologia acerca das relações desiguais de gênero.

Quadro 1 - Descrição dos estudos selecionados para análise de conteúdo.

A partir da leitura e sistematização dos artigos selecionados, emergiram quatro eixos temáticos que ordenam os principais achados. Esses eixos articulam entre si, demonstrando dados empíricos que confirmam a predominância feminina, bem como também explana interpretações teóricas que problematizam esse fenômeno a partir das diferentes perspectivas de gênero. O primeiro eixo de resultados, denominados Evidências e Perfil da Feminização, evidencia o esforço da literatura em fornecer uma base empírica e metodológica para o estudo da feminização. Os estudos encontrados demonstram que parte das pesquisas adotam uma abordagem quantitativa para realizar um levantamento do perfil dos profissionais, valendo-se de análises estatísticas descritivas. Estes resultados estabelecem a dimensão do fenômeno.

Pesquisas como E6 e E7 demonstram a predominância feminina na atuação da psicologia. As pesquisas utilizam abordagens estatísticas que não apenas quantificam, mas evidenciam as desigualdades estruturais.

Além do gênero, as análises exploram marcadores de raça e classe social, revelando que a feminização da profissão se expressa principalmente por um perfil de mulheres brancas inseridas em faixa de renda média ou baixa. (E1; E3; E7). Essa constatação sugere que a psicologia, embora amplamente ocupada por mulheres, reproduz desigualdades estruturais típicas do mercado de trabalho brasileiro.

No segundo ponto de análise, interpreta-se que o grande número de mulheres na psicologia é explicado pela forma como a sociedade enxerga a profissão. Os textos mostram que a psicologia é vista como uma “profissão feminina” porque existe uma crença de que as mulheres valorizam mais os “sentimentos e emoções” do que os homens. Além disso, a formação em psicologia acaba sendo vista como um ponto positivo para as mulheres que trabalham em cargos de gestão, pois supostamente facilitaria a mediação de conflitos e a lida com as pessoas nas equipes de trabalho. (E1; E3; E5; E7)

A dimensão teórica de textos como E6 e E5, apontam para uma forte ligação da profissão às representações sociais de gênero. As autoras mostram as associações do cuidado, empatia, escuta e etc à naturalização da construção do ser feminino.

Essa naturalização se reflete também em E2, que destaca o desafio das psicólogas em espaços de gestão, nos quais ainda precisam negociar a autoridade e reconhecimento. Nesse contexto, a psicologia é vista como facilitadora da escuta e mediação, mas raramente é vista como instrumento de poder e decisão.

O texto E7, acrescenta ao indicar a concentração de mulheres em áreas de humanidades é resultado de processos históricos e culturais que destinam certas profissões como naturais ao sexo feminino. Essa herança cultural reforça a divisão sexual do trabalho e os papéis sociais tradicionais.

O terceiro eixo aprofunda a análise ao discutir vivências das mulheres na profissão e os impactos da divisão sexual do trabalho. Estudos como E1 evidenciam a sobreposição de responsabilidades profissionais, domésticas e afetivas, expressando a chamada “dupla jornada”

As mulheres pesquisadoras e profissionais, apresentadas em E1 e E8, relatam dificuldades em equilibrar demandas acadêmicas e pessoais (familiares e emocionais), além de emergir sentimento de culpa e exaustão como resultados da expectativa social de cuidado com o outro.

No campo econômico, as desigualdades também reproduzem com psicólogas em faixas salariais mais baixas, enquanto homens, ainda que em minoria, tendem a ocupar cargos de maior prestígio e remuneração (E6; E1)

O quarto eixo reúne as abordagens teóricas utilizadas pelos estudos para interpretar o fenômeno da feminização, evidenciando a pluralidade de perspectivas que sustentam o debate contemporâneo sobre gênero na profissão.

Parte dos estudos, como E2 e E5 ancoram-se na teoria das representações sociais, pretendendo compreender como a imagem da psicologia como “profissão feminina” é culturalmente construída e mantida no imaginário social. Essa abordagem considera que a presença majoritária de mulheres não é apenas por escolhas individuais, mas de uma construção histórica de associações.

Os estudos E1, E3, E5, E7 e E8 aproximam-se das epistemologias feministas e estudos de gênero, propondo uma revisão crítica das formas de produção de conhecimento da psicologia. Essas pesquisas demonstram que as práticas acadêmicas se sustentam de perspectivas masculinas e eurocentradas. Esse achado é essencialmente relevante, revelando contradições internas da própria psicologia.

Estudo	Eixo 1: Evidências e Perfil da Feminização (Resultados e Dados)	Eixo 2: Construções Sociais de Gênero (Análise Cultural e Simbólica)	Eixo 3: Vivências da Divisão Sexual do Trabalho (Impactos e Desigualdades)	Eixo 4: Abordagens Teóricas (Fundamentação da Análise)
E1	"O perfil das 85 bolsistas PQ/CNPq da área Psicologia é constituído majoritariamente por mulheres brancas (n=70, 82,3%)..." "Em sua maioria, são pesquisadoras PQ-2 (39, 45,9%) [...] e renda entre 12 e 15 salários-mínimos..." "A maioria das bolsistas têm filhos (62; 72,94%).".	"Isso decorre da construção social de uma imagem ideal de mulher, cuja função principal é a maternidade e o cuidado dos filhos..." "...modelo de família nuclear burguesa, que posiciona o papel social das mulheres primordialmente constituído pelas funções de esposa e mãe...".	"...além das imposições das referidas exigências acadêmicas, elas também são requeridas em maior escala no ambiente doméstico." "...as mulheres dedicam cerca de 21,4 horas semanais para as tarefas de cuidado... ao passo que os homens utilizaram somente 11 horas..." "sentimento de culpa, de me achar uma mãe não tão boa por ter feito isso..." "...o que é considerado apropriado e útil na esfera científica e profissional é inútil e inadequado na esfera do ser feminino.".	Teorias de gênero vinculadas ao aporte pós-colonial e epistemologias feministas.
E2	"...a amostra analisada neste artigo é formada notadamente por mulheres.".	"A gestora psicóloga considera... a formação em psicologia que é	"...o conflito pode estar associado a uma área tradicionalmente associada à	A pesquisa é fundamentada na Teoria das

		representada como um facilitador para negociar as relações intergrupais..." "A imagem que os usuários possuem do psicólogo é a da atuação na clínica."	atuação do assistente social"	Representações Sociais (Moscovici, Abric) .
E3	"...89% dos profissionais em Psicologia são mulheres..." "...67% das entrevistadas afirmaram ser de raça ou cor branca e 25% se declararam pardas."	"...produtora de estereótipos que associam 'comportamentos femininos' à prática da Psicologia." "...determinadas profissões foram construídas culturalmente ligadas ao cuidado... como se tal procedimento e assistência fossem atribuição e função típica e exclusiva das mulheres.".	"A hierarquia das profissões se cruza com a hierarquia racial e racista..." "...ciências da natureza, entendidas como ciências de verdade, não pertencem às mulheres.".	Fundamenta-se na interseccionalidade entre raça, gênero e classe. Cita bell hooks , Patricia Hill Collins , Lélia Gonzalez e Gloria Anzaldúa.
E4	"Em todos os estados brasileiros, as mulheres são maioria na profissão (Conselho Federal de Psicologia, 2019)."	"...o sexismo benévolos seria o tratamento diferenciado para mulheres... disfarçado de atitude positiva, mas que a posiciona como um ser frágil, que precisa de atenção e provisão masculina...".	"Isso sugere que essa forma de preconceito [sexismo] está presente no universo profissional da Psicologia..." "...o preconceito frente às mulheres ainda se mantém... mesmo tendo sido a amostra composta majoritariamente por mulheres.".	A abordagem teórica central para analisar o preconceito é o "Sexismo Ambivalente" (Glick & Fiske, 1996).
E5	"...89% das pessoas que exercem a Psicologia no Brasil são mulheres.".	"...determinadas profissões foram construídas culturalmente ligadas ao cuidado, a exemplo da enfermagem, serviço social e psicologia, como se tal procedimento e assistência fossem atribuição e função típica e exclusiva das mulheres.".	"...dúvida de se alguém poderia fazer terapia com um(a) Freud travesti sugere preconceitos de gênero.". (Discutem a hierarquia) "...partes mais masculinas' e 'partes mais femininas' da Psicologia...".	Fundamenta-se na Teoria das Representações Sociais e nos estudos de gênero de Joan Scott.
E6	"Contatou-se que a maioria (88,2%) dos psicólogos... são do sexo feminino..." "a maioria dos participantes (56,5%) é da cor branca.". "88% se formaram em instituições privadas." "a maioria dos psicólogos (40%) ganha entre 3 e 4 salários mínimos."	"Esse dado... pode estar relacionado com a cultura, na medida em que é, habitualmente, a mulher que mais valoriza as questões emocionais e sentimentais, enquanto o homem valoriza as questões mais racionais..."	"Uma parcela significativa tem renda de 1 a 2 salários mínimos... sendo este um dado preocupante, uma vez que sugere a desvalorização da profissão no município."	A abordagem é quantitativa e comparativa, usando como base principal os dados nacionais do livro "O trabalho do Psicólogo no Brasil" (Bastos & Gondim, 2010).
E7	"a média de estudantes do sexo feminino, de 75,2%..." "89% dos 190 profissionais... são do sexo feminino..." "...a maior parte das mulheres trabalha em tempo parcial (69%), ao passo que a maior concentração	"...carreiras tidas como 'femininas', que por serem definidas culturalmente como mais apropriadas à mulher..." "...diversas das carreiras consideradas 'femininas'	"...as psicólogas norte-riograndenses... são submetidas à mesma situação de discriminação que caracteriza as profissões femininas..."(Refere-se à "segunda jornada de trabalho"	A abordagem se baseia nos "estudos sobre mulher/gênero" que se consolidaram no Brasil a partir de 1975 .

	<p>de homens localiza-se na categoria tempo integral (53%)." "...homens... situam-se em uma faixa de renda consideravelmente superior à das mulheres (60% percebendo 13 ou mais salários mínimos...)" "quase a metade das mulheres (49%) situa-se na faixa de 1 a 6 S. M."</p>	<p>concentram-se nas áreas de Humanas e Letras...".</p>	<p>e "significado da maternidade" como variáveis).</p>	
E8	<p>"...orientações teóricas de 1.179 psicólogas eram compostas majoritariamente por autores homens como Freud, Jung, Rogers e Skinner.". </p>	<p>"Os processos de socialização de gênero operam por meio de binarismos como forte/fraco, razão/emoção... sendo as características valorizadas socialmente atribuídas à masculinidade hegemônica...".</p>	<p>"As mulheridades evidenciam-se na jornada contínua e extenuante de trabalho, na precarização das relações... na vivência e na exposição a situações de violência..." "'O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago'." "...recai sobre as mulheres o acúmulo de funções: maternagem, cuidados domésticos e de familiares, e estudo/emprego...".</p>	<p>Foco explícito na Interseccionalidade (classe-raça-gênero-geração). Cita Joan Scott , Butler , Lélia Gonzalez , Sueli Carneiro , Angela Davis , Bell Hooks e Grada Kilomba.</p>

Quadro 2- Eixos de análise temática e agrupamento de trechos sobre a feminilização da psicologia.

4. DISCUSSÃO

A feminização da psicologia no Brasil compõe um fenômeno extensivamente consolidado e historicamente reconhecido em literatura científica. A maioria significativa de mulheres na profissão é um dado empírico desde a sua regulamentação, estudos clássicos como o de Castro e Yamamoto (1998), já evidenciaram que cerca de 89% das profissionais eram mulheres, sendo caracterizada como uma das ocupações mais feminizadas do país. Essa tendência não apenas se manteve, como é reafirmada por pesquisas recentes (Oliveira *et al.*, 2021), que confirmam a permanência inalterada do padrão quantitativo de mulheres.

O Censo realizado pelo CFP, também evidencia que a predominância não se converte em melhores condições de trabalho, remuneração ou prestígio, demonstrando que as profissionais seguem mais concentradas em arranjos laborais precarizados e com menor acesso a posições de gestão. Além disso, destaca recortes raciais relevantes, mostrando que as mulheres negras permanecem sub-representadas e enfrentam maiores barreiras de inserção e permanência na profissão.

Contudo, a predominância de mulheres não implica pleno reconhecimento social ou existência de condições confortáveis para elas. Castro e Yamamoto (1998) apresentam que a expansão da mulher no ensino superior concentrou-se em carreiras socialmente percebidas como “femininas”, a exemplo cursos das áreas de ciências humanas e Letras. Outros autores como Oliveira *et al.* (20) afirmam que tais carreiras são culturalmente associadas ao cuidado, afetividade e emoção, características consideradas “inatas” às

mulheres, tal naturalização leva a associação da profissão como vocacionada ao acolhimento e não como um campo técnico-científico de alta especialização (Figuerêdo; Cruz, 2017).

Essa caracterização simbólica está ligada a traços culturalmente atribuídos ao feminino, como empatia, cuidado e escuta. Figuerêdo e Cruz (2017) reafirmam esse elo, salientando que as representações sociais de gênero moldam a própria identidade profissional das psicólogas. A ideia de uma “profissão feminina” é, portanto, o resultado de construções histórico-culturais que naturalizam a divisão sexual do trabalho, destinado às mulheres os papéis ligados àqueles que possuem raízes nas atividades maternas e domésticas. Esse contexto gera uma desvalorização simbólica e econômica da prática da profissão, independentemente da qualificação profissional.

A dimensão material se manifesta claramente na precarização da carreira; Santos *et al.* (2014) fazem um delineamento ao revelar que a maioria das profissionais são mulheres, brancas, jovens e assalariadas, com renda média entre dois e quatro salários mínimos. Esse perfil é um forte indicativo de que a predominância feminina não é sinônimo de empoderamento econômico ou avanço em posições de prestígio e liderança.

Tal perfil indica, também, o menor acesso de mulheres não brancas ao curso de psicologia, para acrescentar aos estudos, Santos e Emílio (2021) demonstram que ainda que existam políticas para inserção da população negra nos ambientes acadêmicos, sua presença é reduzida em cursos mais longos ou integrais, como o de psicologia. As desigualdades não se limitam apenas ao ingresso, estendendo-se à permanência, visto que necessitam conciliar trabalho e estudo, a existência de um racismo institucionalizado e a baixa referência negra no corpo docente e literatura (Aguiar e Silva, 2025)

A precarização do trabalho pode ser visto também através da plataformização da prática clínica, que é marcada por atendimentos online e de baixo custo sob intensa competitividade, essa realidade aumenta as desigualdades e reforça a desvalorização do cuidado, somatizando aos estudos encontrados buscando aprimorar a discussão cita-se Bonfim (2024) afirmando que ao serem submetidas a esse novo modelo de controle e ritmo, as vivências subjetivas das psicólogas revelam sentimentos de exaustão e perda de autonomia. De modo semelhante, Braz *et al.* (2024) apontam que a plataformização do trabalho aumenta as demandas tecnológicas e de comunicação, produzindo o tecnoestresse, comprometendo a saúde mental das trabalhadoras, tendo que lidar com a lógica de produtividade e visibilidade constante.

As dificuldades estruturais não se limitam ao mercado de trabalho, alcançam contextos institucionais como a pesquisa acadêmica. Mesmo sendo maioria na produção científica na área, as mulheres enfrentam dificuldades que limitam a sua ascensão; as autoras destacam o impacto da dupla jornada, do sexismo institucionalizado e das expectativas em relação ao cuidado, desigualdades que vão da esfera profissional à acadêmica (Cunha; Dimenstein; Dantas, 2021).

Sob uma perspectiva psicossocial, apesar da prevalência de um discurso e legislações que tendem à igualdade, persistem atitudes patriarcais e crenças que limitam o papel da mulher, reforçando a noção de que são mais adequadas por serem naturalmente mais cuidadosas, e diminuindo a capacidade racional e de liderança. Esses dados demonstram que o sexismo é um elemento perpétuo na cultura ocupacional, reproduzindo desigualdades sutis, mas, eficazes (Gaspodini; Formiga; Falcke, 2019).

A discussão torna-se mais complexa a partir da incorporação de perspectivas interseccionais e críticas. Ainda que em cargos de gestão, Hedler *et al.* (2018) afirmam que as psicólogas se deparam com resistências e precisam articular sua autoridade em ambientes ainda masculinizados. O conceito de “mulheridades” pode ser dado por experiências femininas na psicologia, sendo multifacetadas, atravessadas por marcadores de classe, raça e geração; os espaços de escuta e acolhimento é historicamente associado ao feminino, porém, devem ser ressignificados como atos de resistência e emancipação (Spaziani; Imbrizi; Domingues, 2024).

Este reconhecimento da diversidade de experiências direciona para o estabelecimento de uma prática crítica e transformadora, ancorada na visão feminista de Oliveira *et al.* (2021) tal transformação implica a defesa de uma ruptura epistemológica fundamental. Propõe-se o questionamento dos modelos eurocêntricos, elitistas e universalistas que moldou a história do saber e da psicologia no Brasil. Desta forma, o fenômeno da feminização, longe de ser apenas um dado, revela-se como palco de uma intensa disputa simbólica e política, essencial para a redefinição e a construção de um conhecimento equitativo e socialmente engajado.

Em síntese, as evidências apresentadas demonstram que a feminização é um dado demográfico e, simultaneamente, uma complexa expressão das relações de poder que estruturam o trabalho e o conhecimento no país. A presença majoritária de mulheres coexiste com desigualdades materiais e simbólicas significativas. Reconhecer e combater essas dinâmicas é um passo crucial para compreender que a feminização não representa, por si, empoderamento mas reproduz hierarquias e desigualdades. Assim, a defesa de uma psicologia feminista torna-se um caminho ético e político para ressignificar o lugar feminino na profissão, questionando as formas tradicionais e reivindicando uma prática mais equitativa, justa socialmente e que transforme as relações de poder que estão inseridas no campo da psicologia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sintetiza-se a análise do fenômeno da feminização da Psicologia no Brasil, evidenciando a predominância de mulheres na profissão como dado historicamente consolidado, mas que não se traduz da mesma maneira em reconhecimento social, equidade material ou simbólica. Este estudo demonstra que a atuação profissional feminina na psicologia, ainda que seja maioria na área, é percebida como natural e da essência da mulher, pois conta com características como ser cuidadosa e empática, consideradas

facilitadoras do trabalho de escuta. Contudo, essa representação social do trabalho das mulheres na psicologia acaba reforçando estereótipos de gênero e naturalizando desigualdades estruturais.

A análise da literatura revela que a profissão é marcada por dupla contradição: ao passo que é um espaço de inserção feminina, é também um campo de reprodução de práticas patriarcais e relações hierárquicas. Os estudos mostram que as psicólogas enfrentam obstáculos materiais e simbólicos, que se manifestam tanto nas dificuldades de entrar e se manter no mercado de trabalho, quanto no meio acadêmico, incluindo a precarização das condições, a dupla jornada de trabalho e a persistência do sexismo institucional. Apesar dos avanços no debate de gênero e na produção de conhecimento feminista, a profissão ainda reflete as desigualdades estruturais da sociedade brasileira.

Outro ponto importante diz respeito à escassez de estudos específicos sobre a feminização da psicologia; as buscas realizadas nas bases de dados resultaram em um número extremamente reduzido de artigos que abordam o tema de maneira direta, o que evidencia uma lacuna na produção científica nacional. Ainda assim, mesmo diante dessa limitação quantitativa, foi possível desenvolver uma análise consistente e fundamentada, que contribui para ampliar a compreensão das dinâmicas de gênero que perpassam a profissão.

Além disso, evidencia-se que essa naturalização da psicologia como uma profissão feminina impacta diretamente a produção científica, que permanece limitada e frequentemente tangenciando o tema. A percepção de predominância de mulheres na área é algo compreendido como “natural” contribuindo para que o fenômeno da feminização seja tratado como fato autoexplicativo, reduzindo-se a estatísticas e raramente analisado com profundidade simbólica e política.

A construção de uma psicologia feminista emerge como resposta às desigualdades simbólicas e materiais que transpassam a história da profissão. Ao problematizar essa naturalização, a psicologia feminista propor a ruptura com epistemologias patriarcais e eurocentradas, reivindicando novas formas de produzir conhecimento e de compreender a experiência humana.

Assim, a psicologia feminista coloca como um projeto crítico que reconhece as múltiplas opressões, integra perspectivas interseccionais e busca produzir uma prática profissional comprometida com justiça social, equidade e transformação das relações de poder que estruturam a própria psicologia.

Ressalta-se, entretanto, que a pesquisa apresentou limitações quanto ao alcance das fontes e bases consultadas, o que indica a necessidade de ampliar futuras buscas utilizando outros descritores, em outros idiomas. Além disso, destaca-se a importância de compreender novas dinâmicas de atuação profissional, como as formas de trabalho mediadas por ambientes digitais que vêm reformulando a maneira de trabalho no campo da psicologia.

Conclui-se que o fenômeno da feminização não deve ser compreendido como apenas um dado demográfico, mas como um processo histórico, simbólico e político que reflete e reproduz dinâmicas de

poder. A psicologia deve adotar uma postura crítica e transformadora reconhecendo a diversidade das experiências femininas e enfrentando desigualdades. Ampliar o debate sobre feminização é fortalecer a profissão, tornando-a comprometida com a equidade de gênero.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Marcela; DA SILVA, Gustavo Simas. TRAJETÓRIAS DE MULHERES NEGRAS NO ENSINO SUPERIOR: BARREIRAS, CONQUISTAS E CAMINHOS PARA AVANÇO. **ARACÉ**, [S.I.J, v. 7, n. 7, p. 35563–35591, 2025. DOI: 10.56238/arev7n7-024. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/6313> Acesso em: 9 nov. 2025.

ALVES, Clarissa Cecilia Ferreira; GONÇALO, Cassia Maria de Souza; BATISTA, Janiele Ferreira; OLIVEIRA, Lucas de Lima; COSTA, Marsoniel Felipe da. Igualdade de gênero e divisão sexual do trabalho: subalternidades, enfrentamentos e resistências a partir da percepção de mulheres trabalhadoras da cidade de Guarabira/PB. **Revista Principia**, [S. I.J, v. 1, n. 45, p. 20–30, 2019. DOI: 10.18265/1517-03062015v1n45p20-30. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/2301> Acesso em: 4 nov. 2025.

ATAIDE, Patrícia Costa; NUNES, Iran de Maria Leitão. Feminização da profissão docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 9, n. 2,p. 167–188, 15 Jul 2016 Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/4984> Acesso em: 4 nov 2025.

BANDEIRA, Lourdes. Importância e motivações do Estado Brasileiro para pesquisas de uso do tempo no campo de gênero. **Revista Econômica**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 47-63, jun. 2010.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. reimpressão da 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016. ISBN 978-85-62938-04-7.

BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; OLIVEIRA, Isabel Fernandes de Oliveira; SOARES, Icléia Santos Dorea. O trabalho em psicologia: em que áreas de atuação nos inserimos?. In: BRASÍLIA. Conselho Federal de Psicologia. *Quem faz a psicologia brasileira?: um olhar sobre o presente para construir o futuro : formação e inserção no mundo do trabalho : volume II : condições de trabalho, fazeres profissionais e engajamento social*. 1. ed. Brasília: CFP, 2022. cap. 12, p. 13-31

BATTHYÁNY, Karina. Cuidado de personas dependientes y género. In: AGUIRRE, Rosario (org.) . **Las bases invisibles del bienestar social:** el trabajo no remunerado en Uruguay. Montevideo: Editorial Rosario Aguirre, 2009. p. 89-123.

BONFIM, Jardel Melo. *Vivências subjetivas de psicólogos(-as) clínicos(-as) no contexto do trabalho plataformaizado*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2024. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/3503> Acesso em: 9 nov. 2025.

BRAZ, Matheus Viana; BIAZZI, Amanda Thuns; DE CUFFFA, Caroline; MENDES, Thiago Casemiro; SANTOS, Victor Martins; FERREIRA, Yasmin Alexandre. Plataformização do trabalho na Psicologia Clínica: atendimentos online, tecnoestresse e produção de conteúdos em mídias sociais. **Relatório de Pesquisa LATRAPs** – UEMG, 2024. Licença CC BY-NC-ND 4.0. DOI: 10.31234/osf.io/zb3qk. CARVALHO, Ana Maria Almeida; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon; ALMEIDA, Maria Alice de; BASTOS, Ana Cecília de Sousa Bittencourt. Mulheres e cuidado: bases psicobiológicas ou arbitrariedade cultural? **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 431-444, dez. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/xmlui/handle/ri/5056> Acesso em: 8 nov. 2025.

CASTRO, Ana Elisa Ferreira de; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. A Psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 3, n. 1, p. 147–158, jun. 1998.

COHEN, Rachel Lara; WOLKOWITZ, Carol. The feminization of body work. **Gender, work & organization**, v. 25, n. 1, p. 42-62, 2018.

Conselho Federal de Psicologia. *Quem faz a psicologia brasileira? : um olhar sobre o presente para construir o futuro : formação e inserção no mundo do trabalho: volume I : formação e inserção no mundo do trabalho*. 1. ed. Brasília : CFP , 2022.

CORDEIRO, Luciana; SOARES, Cassia Baldini. Revisão de escopo: potencialidades para a síntese de metodologias utilizadas em pesquisa primária qualitativa. *BIS – Boletim do Instituto de Saúde*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 37–43, dez. 2019. Disponível em:
<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/10/1021863/bis-v20n2-sintese-de-evidencias-qualitativas-37-43.pdf> Acesso em: 4 nov. 2025.

CRISPIM, Ana Laura. *Trabalho e gênero: análise da feminização e feminilização na docência do ensino superior na Universidade do Extremo Sul Catarinense*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioeconômico) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma/SC, 2016. Disponível em:
<http://repositorio.unesc.net/handle/1/4349> Acesso em: 4 nov. 2025.

CUNHA, Rocelly; DIMENSTEIN, Magda; DANTAS, Candida. Trabalho e Cotidiano de Mulheres Bolsistas PQ/CNPq da Psicologia. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 21, n. 4, 2021.

FIGUERÊDO, Raiza Barros de; CRUZ, Fatima Maria Leite. Psicologia: profissão feminina? A visão dos estudantes de Psicologia. **Estudos feministas**, v. 25, n. 2, p. 803–828, 2017.

GASPODINI, Icaro Bonamigo; FORMIGA, Nilton Soares; FALCKE, Denise. Evidência Psicométrica da Estrutura Fatorial do Sexismo Ambivalente em Profissionais de Psicologia do Brasil. **Actualidades en psicología: AP**, v. 33, n. 127, p. 21–36, 2019.

HEDLER, Helga Cristina; FALEIROS, Vicente de Paula; ALONSO, Luiza Beth Nunes; SANTOS, Marlene de Jesus Silva. A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA PSICÓLOGA GESTORA PÚBLICA. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, n. 0, 3 dez. 2018.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595–609, dez. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. (Série Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 38). ISBN 978-65-87201-51-1.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMILIO, Marli; TEIXEIRA, Marilane; NOBRE Miriam; GODINHO, Tatau (org.). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p. 55-63.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Hélène Le; SENOTIER, Danièle (org.). **Dicionário crítico do feminismo [Dictionnaire critique du féminisme]**. São Paulo: Editora UNESP, 200. p. 67-75.

LIMA, Flaviane Izidro Alves de; VOIG, Ana Elisa Gambarti Teixeira; FEIJÓ, Marianne Ramos; CAMARGO, Mario Lázaro; CARDOSO, Hugo Ferrari. A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 33–50, 2017. DOI: 10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10818. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10818>

Acesso em: 4 nov. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MARCONDES, Mariana Mazzini. O cuidado na perspectiva da divisão sexual do trabalho: contribuições para os estudos sobre a feminização do mundo do trabalho. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Coord.). **Trabalhadoras** – análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília : Editorial Abaré, 2013. p. 251-279.

OKIN, Susan Moller. O multiculturalismo é ruim para as mulheres?. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [S. l.], n. 4, p. 355–374, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcn/article/view/1733>

Acesso em: 4 nov. 2025.

OLIVEIRA, Luiza Rodrigues de; BARROS, Shayla Calil de; SANTOS, Abrahão de Oliveira; PENNA, William Pereira; VEIGA, Livia Maria Affonso da. Da Psicologia como profissão feminina à Psicologia feminista: criando novos modos e novas epistemologias a partir do feminismo negro. **Pesqui. prát. psicossociais**, v. 16, n. 3, p. 1–10, 2021.

PETERS, Micah D. J.; GODFREY, Christina; MCINERNEY, Patricia; MUNN, Zachary; TRICCO, Andrea C; KHALIL, Hanan. Scoping Reviews (2020). In: AROMATARIS, Edoardo; LOCKWOOD, Craig; PORRITT, Kylie; PILLA, Bianca; JORDAN, Zoe (ed.). **JB1 Manual for evidence synthesis**. JBI; 2024. Available from: <https://synthesismanual.jbi.global>

RENK, Valquiria Elita; BUZIQUIA, Sabrina Pontes; BORDINI, Ana Silvia Juliatto Mulheres cuidadoras em ambiente familiar: a internalização da ética do cuidado. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 30, p. 416–423, nov. 2022.

ROANI CARDOSO, Brenda; JACINTO SALVARO, Giovana Ilka. Ecofeminismo, mulheres e cuidados: Produção de sujeitos e subjetividades // Ecofeminism, women and care: production of subjects and subjectivities. **Revista de Psicologia**, [S. l.], v. 15, p. e024001, 2024. DOI: 10.36517/revpsiufc.15.2024.e024001. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/91640>. Acesso em: 4 nov. 2025

ROSEMBERG, Fúlvia. Afinal, por que somos tantas psicólogas?. **Psicologia: ciência e profissão**, [S.L.J.], v. 4, p. 6-12, 1984.

SAFFIOTTI, Heleith Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Aline Souza Rosa dos; EMÍLIO, Solange Aparecida. A mulher negra e a formação em Psicologia. Quais as barreiras existentes?. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 42, n. 1, p.

115–132, 2021. DOI: 10.5433/1679-0383.2021v42n1p115. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/39926> Acesso em: 9 nov. 2025.

SANTOS, Erica Karine Santana; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Estereótipos de gênero na escolha profissional e de carreira no contexto brasileiro. In: LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; FRANÇA, Dalila Xavier de; FREITAG, Raquel Meister K. (org.). **Processos psicosociais de exclusão social**. 1. ed. São Paulo: Blucher Open Access, 2020. p. 117-132.

SANTOS, Keicy Rocha *et al.* Perfil dos Psicólogos Inscritos na Subsede Leste do CRP-04. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 34, n. 4, p. 864–878, 2014.

SIQUEIRA, Flavia Silva Borges de. A feminização do cuidado e a desvalorização das trabalhadoras no cenário capitalista vigente. **Crit Revolucionária**, São Paulo, 2024;4:e003

SOUZA, Geyza Oda de; OLIVEIRA, Giselle Ladeia de; GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana. Um ensaio sobre a profissão de psicólogo no Brasil sob o viés do gênero. **Saúde & Transformação Social / Health & Social Change**, [S. l.], v. 9, n. 1/2/3, p. 007–014, 2020. Disponível em:
<https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudetransformacao/article/view/4381>. Acesso em: 4 nov. 2025.

SPAZIANI, Raquel Baptista; IMBRIZI, Jaqueline Maria; DOMINGUES, Adriana Rodrigues. Mulheridades em Projetos de Extensão na Psicologia. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 44, n. e267916, 2024.

YANNOULAS, Silvia. Cristina. Feminização ou feminilização?: apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília, v. 11, n. 22, p. 271–292, 2025.